

# 11

## CAPÍTULO

### SOBRE O PAPEL DO HUMOR NA ORATÓRIA

*Ana Cristina Carmelino*

*Luana Ferraz*

#### HUMOR E ORATÓRIA

... esses dia uma moça falou assim... “pastor achei um menino”... falei “é”... “pastor... bonito... inteligente”... falei “não é homem”... ela falou “por quê?” porque homem não agrega os dois adjetivos (risos)... homem ou é bonito ou é inteligente... se for bonito e inteligente não é homem... é mulé (risos)... ela disse “pastor estou falando sério”... “bonito inteligente crente trabalhador”... quase que eu me apaixonei pelo menino... com tanto adjetivo assim (risos)... mas eu falei por trás disso tem alguma coisa... e ela disse “só pastor que ele é nervoso... ele bate na mãe dele pastor... mas eu gosto tanto dele... o que que o senhor acha?” pelo amor de Deus filha...

casa com esse menino... o mais rápido possível... e ela sorriu e disse “o senhor acha que é de Deus?” eu falei “filha se é de Deus eu não sei... mas essa senhora precisa parar de apanhar (risos)... pra ele bater ni você que tá”... ela disse “pastor ele vai bater em mim?”... falei “filha:: ele bate na::... não vai bater em você?”... ela olhou e disse “pastor... eu não quero mais nada com ele”... eu falei “lamento pela mãe (risos)... que vai continuar apanhando”<sup>1</sup> (exemplo 1).

O discurso anteriormente citado foi transcrito do vídeo *Homem para casar!*, disponibilizado no canal “A graça que mudou a minha vida”, do *site* de vídeos *YouTube*. Trata-se de um trecho de uma palestra de Cláudio Duarte, pastor evangélico que “viralizou” na *web* graças ao estilo bem-humorado de suas pregações. As mensagens do pastor normalmente giram em torno de questões relacionadas ao convívio familiar, ao sexo e à vida conjugal. Sem dúvida, são assuntos espinhosos, que amedrontariam muitos oradores. Cláudio Duarte, porém, opta por tocar temas polêmicos lançando mão de um forte aliado: o humor<sup>2</sup>.

Como se poderia esperar, a postura do pastor atrai defensores e acusadores. Há quem acredite que o cristianismo, solene em sua origem, deva rechaçar permanentemente a gargalhada sonora. Afinal, como poderíamos dar um tom humorístico aos preceitos bíblicos, à narrativa da salvação eterna da humanidade? Conforme assinala Minois (2003), a maioria dos exegetas e teólogos não atribui qualquer intenção cômica à palavra divina.

Ora, se por um lado, a natureza divina, perfeita e imutável, proposta pela teologia clássica, inibe a hilaridade; por outro, a decadência física e moral do homem encoraja o riso como consolo e compensação. Nossa idade humorística nos autoriza a rir de nossas fraquezas e das imperfeições de nosso caráter, na medida em que busca conferir uma imagem bem-humorada ao próprio Cristo.

É o *ethos* gracejador atribuído a Cristo (ou a Deus) que autoriza a *performance* de Cláudio Duarte. De acordo com o pastor, o bom humor e a austeridade são traços não hierarquizáveis do caráter, e sequer devem ser considerados mutuamente excludentes. Se as três pessoas divinas podem exibir uma gravidade e uma

<sup>1</sup> As transcrições apresentadas neste capítulo são baseadas no sistema de notação empregado pelo grupo de pesquisadores do Projeto NURC/SP (cf. PRETI, 2001).

<sup>2</sup> Conforme atesta Alberti (1999), em sua obra *O riso e o risível na história do pensamento*, a vasta nomenclatura aplicada ao universo do riso gera dificuldades aos pesquisadores que tomam como objeto de estudo qualquer material risível, tendo em vista que zombaria, humor, cômico, ironia, sátira, farsa, grotesco e ridículo, entre outros termos, designam categorias que se sobrepõem em diferentes teorias; provocando, muitas vezes, dúvidas quanto à denominação do objeto do riso. Nesse sentido não faremos distinção entre os termos aqui usados.

jocosidade bem situadas e adequadas às diferentes situações de interação entre a divindade e os homens, também os sacerdotes podem aprender a acomodar a hilaridade à conveniência do momento, sem perder de vista o respeito, a responsabilidade e a integridade que lhes são exigidas. Aí está estabelecido o segredo do humor de Cláudio Duarte. E por mais recente que pareça o fenômeno, os pressupostos que fundamentam a eficiência da comicidade oratória do pastor são bastante antigos. No entanto, é preciso destacar que nem sempre o humor é usado eficazmente nos discursos.

Das civilizações clássicas ao mundo globalizado, a habilidade de falar bem em público tem sido um desejo e um desafio. Para produzir e apresentar discursos impactantes, capazes de convencer, entreter, comover e persuadir, oradores de diferentes épocas lançaram mão das regras e técnicas da oratória, arte que forma o orador para a eloquência. Neste capítulo, tratamos da antiguidade e da contemporaneidade dessa arte: voltamos no tempo em busca dos fundamentos da oratória e chegamos a Roma, um de seus terrenos mais férteis. Em seguida, retornamos aos dias atuais, e nos propomos um objetivo arriscado: testar a aplicabilidade dos pressupostos da antiguidade aos discursos de nossa época. Consideramos, assim, a hipótese de que o arcabouço teórico fornecido pelos tratadistas da antiguidade ainda pode fornecer subsídios importantes para a análise de discursos contemporâneos engraçados.

Obviamente, não nos comprometemos em discutir, em apenas um capítulo, os muitos princípios defendidos pelos oradores romanos. Limitamo-nos às considerações de apenas um autor e de apenas um recurso oratório. Verdade seja dita, não se trata de qualquer autor ou de qualquer recurso. O recurso oratório escolhido é o humor, um dos mais explorados e poderosos de todas as épocas; o pensador é Cícero, um dos maiores mestres da eloquência da antiguidade. Esclarecidos o percurso e o objetivo do capítulo, sigamos ao século I a.C.

## **CÍCERO: ORATÓRIA E HUMOR EM ROMA**

Embora as primeiras escolas de retórica fundadas em solo romano datem do século II a.C., os tratados latinos sobre essa arte surgem somente no século I a.C. Dentre as obras que popularizam a retórica latina, ganham destaque os tratados ciceronianos, sobretudo o *De Oratore* (55 a.C.) e sua complementação, *Orator* (46 a.C.). Essa informação se torna mais interessante graças à natureza dos escritos do arpinate, afinal, Cícero foi um dos oradores mais destacados de seu tempo e sua produção em diferentes áreas (caso da Eloquência, Filosofia e Política) foi, muitas vezes, um justo complemento à sua atuação nos tribunais. Dessa maneira,

torna-se inevitável destacar o pragmatismo que norteia sua reestruturação do *Organon* aristotélico.

A oratória dirigida ao efeito, cultivada e defendida por Cícero, adaptou-se bem ao universo da cultura romana de sua época, no qual o encaminhamento prático das questões mostrava-se profundamente atrelado ao funcionamento da máquina sociopolítica. Nesse contexto, Cícero se firmou como um “narrador poderoso e refinado, verdadeiro artista da anedota e do esboço engraçado breve, ou de toque dramático e arrebatador” (PARATORE, 1987, p. 190).

É certo que o espírito humorístico do cônsul romano tenha despertado alguma animosidade entre seus contemporâneos. Alguns o apelidaram de *scurra* (palhaço); outros, como o estoico Catão de Útica, o chamaram de “cônsul ridículo” (cf. GRAF, 2000; MINOIS, 2003). Entretanto, não há como negar o refinamento do humor ciceroniano, que vai do sarcasmo rude e agressivo em seus primeiros discursos, à ironia elegante e eficaz de peças oratórias como o *Pro Murena* (62 a.C.), o *Pro Caelio* (56 a.C.) ou o *Pro Ligario* (46 a.C.).

Ademais, importa destacar que o longo capítulo que Cícero dedica ao riso e ao risível no segundo livro do *De Oratore* é, ainda hoje, uma das principais fontes para o estudo do uso do humor nos discursos públicos da antiguidade. Herdeiro (mesmo que indireto) da tradição aristotélica, o autor reafirma a importância do riso na oratória e se propõe a responder cinco questões nessa obra: em que consiste o riso? O que o produz? Convém ao orador provocá-lo? Se convém, até que ponto? E, finalmente, quais são os tipos de risível? (CÍCERO, 2002).

As duas primeiras questões não o detêm por muito tempo. Na verdade, o orador se furta a responder à primeira indagação:

[...] o que é o riso em si mesmo, o que o provoca, onde reside, como é produzido e irrompe de repente, de modo que, ainda que desejemos, não sejamos capazes de contê-lo, como se apodera dos pulmões, da boca, das veias, dos olhos e do rosto, o veja Demócrito; pois isso não tem relação com nossa conversa; e se tivesse, eu não me envergonharia de não sabê-lo, já que mesmo os que asseguram saber o desconhecem (CÍCERO, 2002, p. 309, tradução nossa)<sup>3</sup>.

E, em seguida, faz uma clara alusão ao cômico aristotélico, argumentando que o riso é provocado pela percepção de um defeito moral ou físico.

<sup>3</sup> No original: “[...] qué es la risa en sí, como se provoca, dónde radica, cómo se produce y tan repentinamente rompe que, aún queriéndolo, no somos capaces de contenerla, cómo se apodera de los pulmones, de la boca, de las venas, de los ojos y del rostro, que lo vea Demócrito: pues ni esto tiene que ver con nuestra conversación, y, si tiene que ver, no me avergonzaría sin embargo de no saberlo, cuando ni siquiera lo saben quienes lo aseguran”.

As perguntas seguintes requerem mais atenção do autor. No que diz respeito ao emprego do risível no discurso oratório, o cônsul se mostra muito favorável, apontando, para isso, várias razões: o riso torna o auditório benevolente, produz uma surpresa agradável, enfraquece o adversário, revela que o orador é um homem culto, ameniza a severidade e a tristeza e dissipa as acusações desagradáveis, que não seriam facilmente superadas com argumentos.

Entretanto, o autor assevera que o risível não deve ser utilizado de forma ilimitada. Cícero entende que esse recurso precisa ser ajustado, como os demais artifícios retóricos, à situação, à causa e ao auditório. Sendo assim, é importante que o orador não ataque as pessoas que são caras aos ouvintes e que restrinja o uso do ridículo aos assuntos que não despertam intensa rejeição ou grande piedade.

A última questão levantada por Cícero (2002) refere-se às categorias do risível. De acordo com o autor, há duas espécies de risível: o que tem origem nas coisas (*in re*) e o que decorre das palavras (*in uerba*). A primeira categoria compreende a narrativa cômica (o conto e a anedota) e a imitação cômica (do ar, da voz e dos gestos do adversário). A segunda abarca as palavras com duplo sentido e várias figuras, como a alegoria, a antítese, a metáfora e a antífrase.

Em *Orator*, obra dedicada a Bruto, Cícero retoma e amplia conceitos expostos no *De Oratore*. Nesse tratado, o autor se ocupa da definição do melhor estilo oratório e sustenta uma crítica ao modelo de discurso sóbrio e objetivo defendido pelos neoatocistas. Ao longo da exposição, o arpinate trata do uso dos três estilos (tênue, médio e elevado) pelo orador. Nesse momento, ele dedica alguns poucos parágrafos ao uso do humor (ridículo) na oratória, ressaltando que os comentários engraçados são típicos do estilo tênue e devem ser utilizados com moderação.

Segundo Cícero (1991), o orador não deve recorrer com muita frequência ao humor sob pena de ser comparado a um comediante. Também não deve ser malicioso, cruel com as deficiências alheias ou parvo a ponto de não considerar o alvo da zombaria, o auditório e as circunstâncias do discurso. Para o cônsul, o bom orador respeita os amigos, as autoridades e se resguarda de confrontos que possam trazer consequências graves. A mordacidade é, portanto, dirigida aos inimigos e, como ele mesmo assinala, “nem sempre, nem a todos, nem de qualquer maneira” (CÍCERO, 1991, p. 73). Além disso, Cícero afirma que os comentários engraçados devem ser (ou parecer) espontâneos, já que a graça “trazida de casa” soa fria ao auditório.

Em seu último tratado, *De officiis*, endereçado ao filho Marco, o arpinate retoma brevemente a questão do uso adequado do humor. Em meio à síntese das virtudes cívicas e morais que devem ser cultivadas pelo cidadão romano, o autor

aborda os dois tipos de gracejo possíveis: o primeiro, impróprio para o homem livre, é petulante (*petulans*), infame (*flagitiosum*) e obsceno (*obscenum*); o segundo, que expressa a jovialidade das pessoas bem-educadas, é elegante (*elegans*), polido (*urbanum*), engenhoso (*ingeniosum*) e engraçado (*facetum*).

Como vemos, Cícero (1913, 1991, 2002) defende que o humor seja praticado dentro de determinados limites de respeitabilidade, definidos, sobretudo, por sua função retórica. Para ele, esse recurso oratório funciona como um instrumento de persuasão e seu uso deve ter em vista a eficácia do discurso. Sendo assim, a graça deve ser usada para conquistar o auditório, jamais para hostilizá-lo. Além disso, convém dizer que as orientações de Cícero dirigem-se aos oradores romanos, cujos modelos ideais são os integrantes da classe senatorial de Roma. E mais: trata-se de um humor praticado entre os membros da mesma classe. Logo, as instruções do cônsul não são aplicáveis à comicidade produzida por artistas profissionais (palhaços, mímicos ou bufões).

## **SOBRE A (IN)EFICÁCIA DO HUMOR NA ORATÓRIA**

Tendo em vista as especificidades do humor tratado por Cícero (1913, 1991, 2002), não reunimos em nossa análise exemplos de discursos de profissionais do humor no exercício de sua função. Nossos oradores são líderes religiosos, jornalistas e comunicadores de massa e seus discursos são proferidos em situações de interação diversas. Sigamos, pois, a eles.

### **a) “[...] quas argumentis dilui non facile est, ioco risuque dissoluit”: o humor sutil e eficaz**

Começamos a análise pela única exceção à regra inicial: o nosso primeiro orador é um humorista profissional. Na verdade, é mais do que isso. Chico Any-sio é, sem dúvida, um dos maiores expoentes do humor brasileiro. Contudo, o discurso que selecionamos não foi extraído de um de seus espetáculos, *shows* televisivos, discos ou livros. Trata-se de uma entrevista concedida ao programa *Roda Viva* em 21 de junho de 1993.

O *Roda Viva* é um programa de entrevistas produzido e transmitido pela TV Cultura desde 1986. Os entrevistados possuem um perfil diversificado: são políticos, artistas, esportistas etc.; pessoas conhecidas do grande público e capazes de contribuir, de alguma forma, com informações de interesse social. Os entrevistados – que também variam programa a programa, sendo convidados de acordo com suas áreas de conhecimento e atuação – são dispostos em uma bancada em

torno do convidado. Este se posiciona em uma cadeira giratória no centro do círculo, de forma que possa voltar-se para o entrevistador que lhe dirige a pergunta em cada momento do programa.

No episódio que fornece o material para nossa análise, a bancada é composta pelo apresentador Jorge Escosteguy e pelos entrevistadores convidados: o editor da revista *Interview*, Alex Solnik; o jornalista Edelcio Mostaço; o editor de telejornalismo da TV Cultura de São Paulo, Tato Coutinho; o cartunista Paulo Caruso; a repórter da revista *Ícaro*, Regina Echeverria e o jornalista Ivan Angelo, editor de arte do *Jornal da Tarde*, de São Paulo.

A entrevista foi realizada na ocasião do lançamento do décimo quarto livro de Chico Anysio, *Jesuíno, o profeta* (1993), e, na maior parte do tempo, versa sobre política e humorismo. O primeiro trecho que nos interessa destacar ocorre aos 12min41s. Nesse momento, entrevistadores e entrevistado conversam sobre censura na TV e, mais especificamente, sobre a retirada do ar do seu Peru (personagem homossexual do programa *Escolinha do Professor Raimundo*, interpretada por Orlando Drummond). Respondendo a uma pergunta de Regina Echeverria, Chico Anysio comenta:

... porque eu não vejo o programa tá?... eu não vejo... eu eu eu eu... até evito ver... porque a gente grava pra lançar e as pessoas gostam... e vendo eu vou achar tanto defeito... eu vou botar tanto:... tanta coisinha... vou querer mudar tanta coisa... prefiro não ver... (exemplo 2).

A exposição desse comentário é importante para que possamos compreender a retomada feita adiante por Tato Coutinho. Aos 17min32s da entrevista, Chico Anysio fala sobre o IBOPE do humorístico *Escolinha do Professor Raimundo*:

Chico Anysio: a escolinha é o programa de humor de maior audiência no mundo ocidental... né? no mundo ocidental isso a gente não inclui a China porque tem muita gente... a:: Índia... não sei o que e tal... mas no mundo ocidental é a escolinha porque ela tem.. ela tem uma média de quarenta pontos... nu/num universo de trinta milhões de televisores que são doze milhões de televisores mas com três pessoas por televisor dá trinta e seis milhões de telespectadores... o segundo lugar é do Bill Cosby... que tem quinze pontos num universo de noventa milhões de televisores mas lá... é um ponto seis... ele tem trinta e dois milhões de espectadores... mas ele vai uma vez por semana eu vou seis... então a escolinha é:: o programa mais visto... no mundo ocidental... em em que pese o:: tanto que falam dela por aí e tal...

Tato Coutinho: [é... você fala é o mais visto... é o mais visto... mas pelo que você falou não por você... que você veria muito defeito... você tava falando do seu Peru também... que... é::: você viu... e aí...

Chico Anysio: mas eu não sou pago pra ver... eu sou pago pra fazer... pra ver é mais caro...

Tato Coutinho: [não... claro... (exemplo 3).

Nesse instante da entrevista, vemos que entrevistador se vale de uma informação dada por Chico Anysio anteriormente – “eu não vejo o programa” – para tecer um comentário direto e pretensamente bem-humorado – “é o mais visto... mas pelo que você falou não por você...”. A sagacidade revelada na observação de Tato Coutinho é prevista por Cícero no parágrafo 273 do livro II do *De Oratore*: “também resulta agudo quando tomamos do discurso do outro algo diferente do que ele pretendia” (CÍCERO, 2002, p. 330, tradução nossa)<sup>4</sup>.

No trecho transcrito, Chico Anysio busca enaltecer a popularidade do programa *Escolinha do Professor Raimundo* quando é surpreendido pelo comentário do editor, que aponta uma aparente incompatibilidade em seu discurso. A observação risível do entrevistador é entendida como um ataque, por isso, a réplica do humorista aparece na sequência: “mas eu não sou pago pra ver... sou pago pra fazer... pra ver é mais caro...”. A resposta espirituosa de Chico Anysio também pode ser incluída em um dos tipos de facécias abordados por Cícero. No parágrafo 277 do livro II do *De Oratore*, o cônsul trata da “retaliação através da brincadeira” (MIOTTI, 2010, p. 104), recurso pelo qual “aquele que diz algo para ridicularizar alguém é por este ridicularizado através do mesmo gênero de palavras” (MARQUES JÚNIOR, 2008, p. 80).

Retornemos, agora, a Cláudio Duarte. No discurso que abre este capítulo, o pastor utiliza alguns dos artifícios listados por Cícero para a produção do humor elegante. Um desses artifícios é o uso de frases que contrariam as expectativas. É o que vemos no trecho a seguir:

“pastor achei um menino”... falei “é”... “pastor... bonito... inteligente”... falei “não é homem...” ela falou “por quê?” porque homem não agrega os dois adjetivos (risos)... homem ou é bonito ou é inteligente... se for bonito e inteligente não é homem... é mulé (risos) (exemplo 4 – parte do trecho citado no exemplo 1)

Nesse fragmento, Cláudio Duarte relata o modo como surpreende uma moça que lhe pede aconselhamentos por meio de um diálogo simulado. A moça, interlocutora do pastor no diálogo, pede conselhos sobre a viabilidade do relacionamento amoroso com um rapaz que acabara de conhecer. No contexto apresentado, as expectativas de um aconselhamento sério são frustradas pelo questionamento da masculinidade do rapaz, a quem são atribuídas simultaneamente muitas qualidades, o que, segundo o pastor, só seria possível se se tratasse

<sup>4</sup> No original: “También resulta agudo aquello, cuando de las palabras de otro tomas algo distinto de lo que él pretendia”.



de um indivíduo do sexo feminino. É, de modo geral, uma depreciação dos homens face à superioridade feminina e, mais especificamente, uma forma de amai-nar os elogios ao jovem em questão. Segundo Cícero (2002), as frases que quebram expectativas são expedientes oratórios muito frequentes e causadores de grande hilaridade.

Mais uma intervenção trocista do pastor pode ser encontrada na continuação do diálogo: “ela disse ‘pastor estou falando sério bonito inteligente crente trabalhador?... quase que eu me apaixonei pelo menino com tanto adjetivo assim’”. Dessa vez, Cláudio Duarte recorre a um tipo de facécia *in uerbo*: a hipérbole, isto é, alguma coisa que, “sob o pretexto de amplificar ou atenuar algo, é levada a extremos inverossímeis” (CÍCERO, 2002, p. 327, tradução nossa)<sup>5</sup>. Não há qualquer indício de que o pastor possa, de fato, desenvolver um interesse amoroso pelo rapaz descrito, por isso, compreendemos que sua afirmação é um exagero cômico que responde ao suposto excesso de adjetivações positivas proposto pela moça aconselhada. Notamos ainda que Cláudio Duarte se vale de certa ironia para ressaltar o caráter superlativo da descrição que ouve. A ênfase e diversas formas de ironia são ilustradas por Cícero nos parágrafos 268 a 272 do livro II do *De Oratore*.

Na sequência do discurso, Cláudio Duarte continua a recorrer à ênfase e a um tipo específico de ironia, denominado por Cícero de dissimulação. De acordo com Cícero (2002), a dissimulação é um procedimento útil para que possamos dizer coisas diferentes do que pensamos. Não se trata apenas de trocar uma palavra por outra contrária, mas de mexer a fundo com o discurso, falando algo diferente do se pensa por meio de uma brincadeira severa. É o que vemos no excerto a seguir:

e ela disse “só pastor que ele é nervoso... ele bate na mãe dele pastor... mas eu gosto tanto dele... o que que o senhor acha?” “pelo amor de Deus filha... casa com esse menino... o mais rápido possível”... e ela sorriu e disse “o senhor acha que é de Deus?” eu falei “filha se é de Deus eu não sei... mas essa senhora precisa parar de apanhar” (risos). (exemplo 5).

No trecho destacado, verificamos que Cláudio Duarte incentiva a união do casal ao mesmo tempo em que ressalta o comportamento agressivo e reprovável do rapaz. Desse modo, o pastor deixa clara a dissimulação da opinião no que diz respeito à anuência que parece dar ao enlace amoroso. Em seguida, ele continua a enfatizar o proceder violento do jovem pretendido, fazendo saltar aos olhos da moça as consequências nefastas e aparentemente latentes do relacionamento:

---

<sup>5</sup> No original: “[...] so pretexto de magnificar o atenuar algo, se lleva e extremos inverosímiles”.

... “mas essa senhora precisa parar de apanhar (risos)... pra ele bater ni você que tá”... ela disse “pastor ele vai bater em mim?”... falei “filha:: ele bate na:... não vai bater em você?” ela olhou e disse “pastor... eu não quero mais nada com ele”... eu falei “lamento pela mãe (risos)... que vai continuar apanhando”. (exemplo 6).

Finalmente, convém ressaltar que a própria admoestação amiga em tom bem-humorado é uma das formas citadas por Cícero (2002) de produzir a hilaridade pela oratória, assim como o é a narração de um acontecimento em forma de anedota. Dessa maneira, podemos considerar que o conselho do pastor, convertido em uma história breve e engraçada, constitui, em sua totalidade, um tipo de *facécia in re*.

Nos dois exemplos apresentados, vemos que o uso do humor é eficaz e obedece aos preceitos ciceronianos: é claro, mas não alardeia. Os oradores que o manipulam não parecem implacáveis ou insolentes, não abusam das expressões, dos gestos ou dos movimentos corporais, mas exibem um “senso de oportunidade” e uma inteligência aguda, que revelam uma boa percepção do contexto retórico em que estão inseridos.

## b) “[...] non esse omnia ridicula faceta”: o humor grosseiro e degradante

Nosso primeiro exemplo de humor ineficaz é extraído do discurso de um grande comunicador da TV brasileira. O orador em questão é, nada mais, nada menos, que Sílvio Santos – nome artístico de Senor Abravanel, cidadão nascido no Rio de Janeiro, em 1930, e que ficou amplamente conhecido do público pela carreira no rádio e na televisão tanto quanto pela fortuna que acumulou graças a seus empreendimentos no ramo do entretenimento.

Sílvio Santos reúne, com muita habilidade, as imagens de apresentador carismático e engraçado e de empresário bem-sucedido, principal responsável pelas decisões da emissora da qual é proprietário, o SBT. É, pois, difícil imaginar que um homem de TV, animador tarimbado, há mais de 50 anos no ar, possa “perder a mão” quando o assunto é o uso do humor no discurso. Porém, não é bem isso o que acontece. Nos últimos anos, as “gafes” cometidas pelo apresentador têm se tornado cada vez mais frequentes. Muitas delas fazem sucesso na internet; algumas são encaradas com bom humor, outras se tornam alvos de duras críticas.

O recorte que escolhemos para a análise foi selecionado do quadro “Levanta-te”, transmitido durante o *Programa Sílvio Santos* do dia 31 de julho de 2016. O programa comandado pelo próprio Sílvio é um dos mais populares da grade de programação do SBT. Trata-se de um *show* de variedades dominical em formato de programa de auditório, com diversos quadros e atrações. O quadro “Levanta-te”, que estreou no programa no ano de 2015, é uma competição musical entre duplas formadas por mães e filhos.

A programação do dia supracitado transcorria normalmente até a disputa final entre as duplas 3 e 4, formadas, respectivamente, por Soraya e Deborah e Lânia e Juan. Durante a contagem dos pontos das duplas, Sílvio Santos consulta os jurados Nadja Haddad, Décio Piccinini e Adryana Ribeiro sobre a enquete que a emissora está realizando naquele momento: “o que você acha melhor: dinheiro, sexo ou poder?”. Após a votação, a dupla Lânia e Juan vence. Ao entregar o prêmio em dinheiro à dupla perdedora, Sílvio Santos se dirige à Deborah, de cinco anos:

Sílvio Santos: ... dois três quatro... cinco seis sete e oito nove dez... oh Deborah o que que cê acha melhor... sexo... poder ou dinheiro? (risos)

Décio Piccinini: [brincadeira hein meu? fala sério]

Décio Piccinini: o desespero...

Nadja Haddad: a cara da mãe da pessoa (exemplo 7).

Como vemos na transcrição do diálogo, a pergunta do apresentador surpreende e constrange os jurados e a mãe da criança. A repercussão na imprensa não foi melhor que isso. Em matéria publicada no dia 1º de agosto de 2016,<sup>6</sup> os redatores da revista *Veja* escrevem: “apresentador mandou lembranças ao bom senso e constrangeu público ao questionar uma garotinha qual das opções ela achava melhor”. De acordo com os jornalistas, essa foi uma nova demonstração de que Sílvio Santos “não tem mais limites”.

No dia seguinte, os membros do programa *Morning Show*, da rádio Jovem Pan, zombaram do comportamento do animador, atribuindo-lhe adjetivações pejorativas como “velho safadão” e “gagá”<sup>7</sup>. De acordo com os humoristas do programa, Sílvio Santos “mandou mal” e nem a “blindagem” garantida pelo seu *status* de grande comunicador foi capaz de salvá-lo do vexame.

Mas, afinal de contas, por que a brincadeira do apresentador foi tão mal recebida? Ora, ele fez uma pergunta sobre sexo a uma criança de cinco anos! Nesse caso, a resposta que parece óbvia faz todo o sentido. É importante considerar que os resquícios de uma educação forjada no início da modernidade ainda nos impelem a acreditar que a conservação de uma inocência infantil desejável

<sup>6</sup> SÍLVIO Santos a uma criança: prefere sexo, dinheiro ou poder?. *Veja.com*. 1º ago. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/silvio-santos-a-crianca-prefere-sexo-dinheiro-ou-poder/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

<sup>7</sup> RICARDO Almeida. Morning Show. *YouTube*. 2 ago. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/Vzo-lo4F1LM>>. Acesso em: 10 maio 2017.

depende da manutenção da ignorância sobre o sexo<sup>8</sup>. Um diálogo entre um adulto e uma criança sobre os prazeres do exercício da sexualidade se torna, no mínimo, desconcertante e tende a ser imediatamente reprimido.

Quando dirigido aos adultos, o questionamento de Sílvio Santos é encarado com naturalidade e não causa humor; logo, o apresentador vislumbra a possibilidade de produzir esse efeito direcionando a mesma pergunta a um interlocutor inesperado. No entanto, o fato de esse interlocutor ser uma criança confere um caráter obsceno à brincadeira, destituindo dela o poder de provocar o riso. De acordo com Cícero (2002), as obscenidades provocam o riso, mas devem ser restritas a momentos e lugares muito específicos, já que, quando ditas a esmo, depõem contra a imagem do orador. Foi exatamente isso o que aconteceu com Sílvio Santos, uma vez que a pergunta obscena em contexto despropositado levou a um questionamento sobre a sua moral e, até mesmo, sobre a sua sanidade mental.

O segundo exemplo de mau uso do humor no discurso oratório também foi recolhido da programação do SBT. Agora, a atração é o *Primeiro Impacto*, comandado por Eduardo Camargo. O telejornal matinal, baseado no formato do norte-americano *Primer Impacto*<sup>9</sup>, estreou na grade de programação do SBT em março de 2016 e, desde o início, teve sua história marcada por polêmicas, alterações no formato, no conteúdo e na duração, mudanças dos âncoras e dos horários, “trocas de farpas” entre os apresentadores e índices de audiência pouco estáveis.

No primeiro momento, o programa foi apresentado pelas jornalistas Karyn Bravo e Joyce Ribeiro. A estreia de Eduardo Camargo, de apenas 18 anos, aconteceu no dia 12 de outubro de 2016 e trouxe consigo uma grande reformulação: a bancada ocupada pelas duas apresentadoras foi retirada e o tom tornou-se mais informal. A intenção era produzir um programa jornalístico que misturasse, com bom humor, notícia e entretenimento.

Dudu Camargo (como ficou conhecido) já fazia parte do elenco do SBT, onde interpretava o Homem do Saco<sup>10</sup>, e foi alçado ao comando do telejornal por determinação do dono do canal, Sílvio Santos. A escolha do novo âncora foi, no entanto,

---

<sup>8</sup> Sobre a educação que visa à preservação da pureza e construção da noção de inocência infantil, vejam-se, respectivamente, Rousseau (1995) e Ariès (1981).

<sup>9</sup> Telejornal exibido pela Univision, emissora com programação em língua espanhola, voltada para o público hispano-americano.

<sup>10</sup> Personagem “misteriosa” do vespertino *Fofocando*. Nesse programa, o jovem escondia o rosto sob um saco de papel enquanto apresentava matérias sobre a vida das celebridades. A bancada da atração era dividida com o jornalista Leão Lobo e a apresentadora Mamma Bruschetta (Luís Henrique Benincasa).

muito contestada. A imprensa especializada e mesmo os colegas de emissora criticaram a pouca idade e a falta de formação jornalística ou experiência do apresentador<sup>11</sup>.

Se já havia motivos para que a competência do jovem fosse posta em dúvida, a atitude descontraída de Dudu apenas potencializou as reclamações dos opositores. O burburinho gerado pela atuação do apresentador foi tão grande que o crítico de TV Mauricio Stycer resolveu usar sua coluna no *site* Uol para “defender” Dudu. De acordo com o jornalista, o rapaz “espontâneo, autocentrado e sem medo algum do ridículo” é “talhado para o sucesso no mundo do entretenimento”. A entrada no universo do jornalismo, terreno que exige mais sobriedade, não foi uma escolha sua e, sim, de Sílvio Santos. Logo, para Stycer, “o garoto não tem culpa pelo papelão que está fazendo” e seria injusto acusá-lo de manter uma *performance* inadequada.

Abaixo, apresentamos um exemplo da conduta que alimenta a antipatia dos *haters* e a condenação de outros profissionais do jornalismo:

Dudu Camargo: a gente ficamos por aqui... o jornal vai se encerrando mas como prometi::do a dancinha... sol::ta o funk do taca-taca eu volto amanhã...se::is da manhã com mais um primeiro impacto vai (o apresentador dança o funk mexendo as mãos e rebolando)... como que é?... vai... taca taca taca... a danci::nha... vai Brasi::l... tchau gente... (exemplo 8)

O trecho transcrito corresponde ao encerramento do jornal *Primeiro Impacto* do dia 26 de outubro de 2016. Nessa ocasião, Dudu Camargo decidiu finalizar a edição dançando a música *Bumbum Granada*, dos Mcs Zaac & Jerry. Essa foi a segunda vez que o apresentador encerrou a atração com uma “dancinha”; na primeira, dia 21 de outubro, a música escolhida foi *Sexta-feira sua linda*, interpretada pela dupla sertaneja Alex e Ronaldo.

O desfecho inusitado rapidamente tornou-se motivo de zombaria na *web*. O conteúdo da música associado aos movimentos ligeiramente desordenados de Dudu compôs, segundo os espectadores, uma mistura explosiva, risível e inapropriada. É importante ressaltar que o *funk* carioca – ritmo escolhido para a *performance* do orador – tem conhecido nos últimos anos um processo de glamourização que resultou na sua inserção nas grades de programação dos grandes veículos de comunicação de massa do país. Todavia, ainda assim, o gênero musical convive com estigmas associados à violência (HERSCHMANN, 2000) e à licenciosidade.

---

<sup>11</sup> O Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo chegou a publicar uma nota contrária à contratação de Dudu Camargo com o apoio da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj).

Vemos que, ao tentar conduzir um empreendimento oratório divertido, Dudu Camargo incorre em dois erros: a obscenidade e a *mimica actio*, ou o uso do corpo para provocar o riso (CICERO, 1950). A obscenidade fica por conta da alusão ao sexo, que vem associada a uma metáfora bélica na letra da música:

Bumbum Granada<sup>12</sup>  
 (Zaac e Jerry vai mandar, hein  
 Desse jeitinho  
 Oxe  
 Oxe, cadê o tan tan tan tan  
 Ó o beat envolvente, aí, ó)  
 Pesado!  
 Vários homem bomba  
 Bomba, bomba, bomba, bomba aqui  
 Vários homem bomba  
 Lomba, lomba, lomba, lomba lá  
 Hoje eu tô pesadão  
 Carregando vários pente  
 É tudo que eu sempre quis  
 Pra mim ficar contente  
 Os mano tá tipo bomba  
 E as mina bumbum granada  
 Vai taca  
 Taca, taca, taca, taca, taca  
 Vai taca  
 Taca, taca, taca, taca, taca  
 Beleza, tá querendo peitá  
 Só que tu não entende nada  
 Se quiser pode vim  
 Que essa mina é preparada

<sup>12</sup> BUMBUM granada, mcs Zaac e Jerry. *Letras*. Disponível em: <<https://m.letras.mus.br/mcs-zaac-e-jerry//bumbum-granada/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

Melhor dá espaço pra ela  
 Porque a potência é braba  
 Vai taca  
 Taca, taca, taca, taca, taca  
 Vai taca  
 Taca, taca, taca, taca, taca  
 Vai taca  
 Taca, taca, taca, taca, taca  
 Vai taca  
 Taca, taca, taca, taca, taca

Em entrevista à Carol Marques, do *site* Extra, no dia 30 de junho de 2016<sup>13</sup>, Rodrigo Silva dos Santos (Jerry) explicou que o bumbum granada faz referência ao movimento dos quadris das meninas nos bailes. Segundo o rapaz, os movimentos pélvicos realizados pelas garotas são conhecidos na gíria do *funk* como “tacar o bumbum”. Assim, o “bumbum granada” seria uma metáfora construída a partir do verbo “tacar” (lançar), que possibilita a comparação entre as nádegas femininas e o projétil militar. É importante também ressaltar que a palavra “bumbum” funciona como onomatopeia que representa o som de explosões sucessivas, o que amplifica ainda mais o poder da metáfora bélica.

A *mimica actio*, por sua vez, pode ser verificada na tentativa de imitação dos movimentos dos dançarinos de *funk* realizada pelo apresentador<sup>14</sup>. Trata-se, sem dúvida, de uma *performance* risível. No entanto, conforme nos explica Cícero (2002, p. 317, tradução nossa)<sup>15</sup>:

<sup>13</sup> FAMOSOS donos do “Bumbum granada” Zaac e Jerry dizem que hit não é machista e recebem convites para o exterior. Extra. *Globo*. 30 jun. 2016. Disponível em: <<http://m.extra.globo.com/famosos/donos-do-bumbum-granada-zaac-jerry-dizem-que-hit-nao-machista-recebem-convites-para-exterior-19612196.html>>. Acesso em: 10 maio 2017.

<sup>14</sup> PECCOLI, Victor. Dudu Camargo dança “Bumbum Granada” no “Primeiro Impacto”, após repercussão; assista. *Tv Foco*. 26 out. 2016. Disponível em: <<http://www.otvfoco.com.br/dudu-camargo-danca-bumbum-granada-no-primeiro-impacto-apos-repercussao-assista/>>. Acesso em: 16 maio 2017.

<sup>15</sup> No original: “Y también hay que tener en cuenta que no todo o risible es gracioso. ¿Pues qué puede provocar más risa que um payaso? Pero provoca la risa con su boca, su rostro, su voz, en fin, incluso con su cuerpo. Puedo llamarlo divertido, pero no en el sentido que querría que lo fuera el orador, sino el mimo”.

Temos que ter conta que nem todo o risível é faceto. Afinal, o que poderia ser mais risível que um palhaço? Porém, provoca o riso com a sua boca, seu rosto, sua voz e, finalmente, com seu corpo. Posso chamá-lo divertido, mas não no sentido adequado ao orador, e, sim, ao comediante.

Para o cônsul, alguns tipos são naturalmente ridículos, mas esses tipos devem ser censurados, e não imitados pelo orador. A função de âncora de telejornal, tradicionalmente séria, admite a descontração com muitas ressalvas e não se combina facilmente com a atitude corporal de um dançarino de *funk*, reprovável em grande parte dos contextos mais conservadores. Assim sendo, a inadequação da brincadeira de Dudu Camargo atinge em cheio o *ethos* do apresentador, que passa a ser considerado menos crível e, portanto, indigno da posição que ocupa.

O desempenho oratório do âncora rendeu gozações, inclusive, de humoristas profissionais. Fábio Porchat, por exemplo, fez menção ao episódio em seu programa, na Record TV<sup>16</sup>. O comentário irônico do humorista exalta a impropriedade do comportamento do apresentador do SBT: [muito apropriado né?... hoje no jornal economia esportes o tempo em São Paulo e TAcA TAcA TAcA]. Convém ressaltar que, apesar das críticas negativas, Dudu Camargo persistiu em sua estratégia oratória, mesmo quando foi transferido para outro telejornal, o *SBT Notícias*, no início de 2017.

Como vemos, até os melhores recursos oratórios podem ser perigosos quando mal utilizados. O manejo inadequado do humor torna o discurso rude, ridículo e inoportuno e depõe contra a imagem do orador (não comediante), convertendo-o quase que automaticamente em alguém menos crível, confiável ou capaz.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O próprio Cícero (2002) assevera: fazer rir é talento natural, arte difícil de ensinar e que, embora não goze de muita consideração, garante bons resultados quando se trata de atrair a benevolência e a cumplicidade do auditório. O humor ciceroniano é perspicaz, certo e eficiente. Vai direto ao ponto, sem estardalhaços. É penetrante e sutil, porém nunca obscuro ou excessivamente rebuscado. Seu segredo é o engenho e a naturalidade. Pode, entretanto, ser um recurso perigoso, quando enseja que até mesmo oradores experientes se percam na estupidez e/ou na extravagância.

Tão importante quanto tudo isso: a “técnica superior” (CÍCERO, 1991, p. 73) apresentada pelo arpinate continua atual e nos ajuda a compreender como o

---

<sup>16</sup> PROGRAMA do Porchat. Tela à vista: Barbixas se divertem com casos de família. *YouTube*. 3 nov. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/ZGLjVkW-4T0>>. Acesso em: 10 maio 2017.



humor colabora na produção dos discursos de oradores contemporâneos e quais são os seus limites. Verificamos que, algumas vezes, o humor perpassa todo o discurso, como acontece no caso de Cláudio Duarte; em outras, como no comentário espirituoso de Chico Anysio, é breve e pontual; porém igualmente eficaz. Em outros momentos, vemos que, quando os limites estabelecidos pelos códigos sociais são extrapolados, o discurso se torna vergonhoso, ainda que se preste ao entretenimento rápido. De qualquer forma, o que podemos tirar dessa discussão é a certeza de que o debate sobre os limites do humor, que não envolve apenas os humoristas profissionais, é muito mais amplo e mais antigo do que supomos inicialmente e deve sempre ser pensado levando-se em conta as normas de conduta vigentes na sociedade e os sujeitos envolvidos em cada contexto retórico específico.

## REFERÊNCIAS

- A GRAÇA que mudou a minha vida. Homem para casar! *YouTube*. 19 jun. 2015. Disponível em: <<https://youtu.be/ABRptq8bW-8>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- ALBERTI, Verena. *O riso e o risível na história do pensamento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- ANYLIO, Chico. *Jesuíno, o profeta*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BUMBUM granada, mcs Zaac e Jerry. *Letras*. Disponível em: <<https://m.lettras.mus.br/mcs-zaac-e-jerry/bumbum-granada/>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- CICERO, Marcus Tullius. *De officiis*. London: William Heinemann, 1913.
- CICERÓN, Marco Tulio. *El orador*. Madrid: Alianza Editorial, 1991.
- CICERÓN, Marco Tulio. *Sobre el orador*. Madrid: Gredos, 2002.
- FAMOSOS donos do “Bumbum granada” Zaac e Jerry dizem que hit não é machista e recebem convites para o exterior. *Extra. Globo*. 30 jun. 2016. Disponível em: <<http://m.extra.globo.com/famosos/donos-do-bumbum-granada-zaac-jerry-dizem-que-hit-nao-machista-recebem-convites-para-exterior-19612196.html>>. Acesso em: 3 maio 2017.
- GRAF, Fritz. Cícero, Plauto e o riso romano. In: BREMMER, Jan ; ROODENBURG, Herman (Orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 51-64.
- HERSCHMANN, Micael. As imagens das galeras funk na imprensa. In: PEREIRA, Carlos Alberto Messeder et al. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 163-196.
- JAVARONI, Tatá. Sexta-feira sua linda. In: ALEX; RONALDO. *Mil vidas*. DVD. Faixa 4. Disponível em: <<https://www.suamusica.com.br/alexeronaldo/alex-e-ronaldo-ao-vivo-audio-do-dvd-oficial-2016>>. Acesso em: 16 maio 2017.

MARQUES JÚNIOR, Ivan Neves. *O riso segundo Cícero e Quintiliano*: tradução e comentários de De oratore, livro II, 216-291 (De ridiculis) e da Institutio oratoria, livro VI, 3 (De risu). 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Latina). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, São Paulo, Universidade de São Paulo.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

MIOTTI, Charlene Martins. *Ridentem dicere verum*: o humor retórico e Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio. 2010. 215 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas – SP, Universidade Estadual de Campinas.

MORNING SHOW. *Sílvio Santos causa polêmica com pergunta para garota de 5 anos – MORNING SHOW*. Publicado em 2 ago. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ro27vuvK-2Q>>. Acesso em: 3 maio 2017.

PARATORE, Ettore. *História da literatura latina*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

PECCOLI, Victor. Dudu Camargo dança “Bumbum Granada” no “Primeiro Impacto”, após repercussão; assista. *Tv Foco*. 26 out. 2016. Disponível em: <<http://www.otvfoco.com.br/dudu-camargo-danca-bumbum-granada-no-primeiro-impacto-apos-repercussao-assista/>>. Acesso em: 16 maio 2017.

PRETI, Dino (Org.). *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2001.

PROGRAMA do Porchat. Tela à vista: Barbixas se divertem com Casos de Família. *YouTube*. 3 nov. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/ZGLjVkW-4T0>>. Acesso em: 10 maio 2017.

RICARDO Almeida. Morning Show. *YouTube*. 2 ago. 2016. Disponível em: <<https://youtu.be/Vzo-lo4F1LM>>. Acesso em: 10 maio 2017.

RODA VIVA. Roda Viva – Chico Anysio – 21/06/1993. *YouTube*. 23 mar. 2012. Disponível em: <<https://youtu.be/L42dwVjFn3U>>. Acesso em: 10 maio 2017.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou Da educação*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SÍLVIO Santos a uma criança: prefere sexo, dinheiro ou poder?. *Veja.com*. 1º ago. 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/silvio-santos-a-crianca-prefere-sexo-dinheiro-ou-poder/>>. Acesso em: 10 maio 2017.

ZAAC; JERRY. Bumbum Granada (DJ Kelvinho, DJ Redx e DJ Menininho). In: DETONA FUNK. Disponível em: <<https://soundcloud.com/detonafunkoficial/mcs-zaac-e-jerry-bumbum-granada-dj-kelvinho-e-dj-redx-menininho-lancamento-2016>>. Acesso em: 15 maio 2017.